

# Francišak Alachnovič: o pioneiro escritor belarusso que revelou ao mundo os horrores do Gulag

Volha Yermalayeva Franco

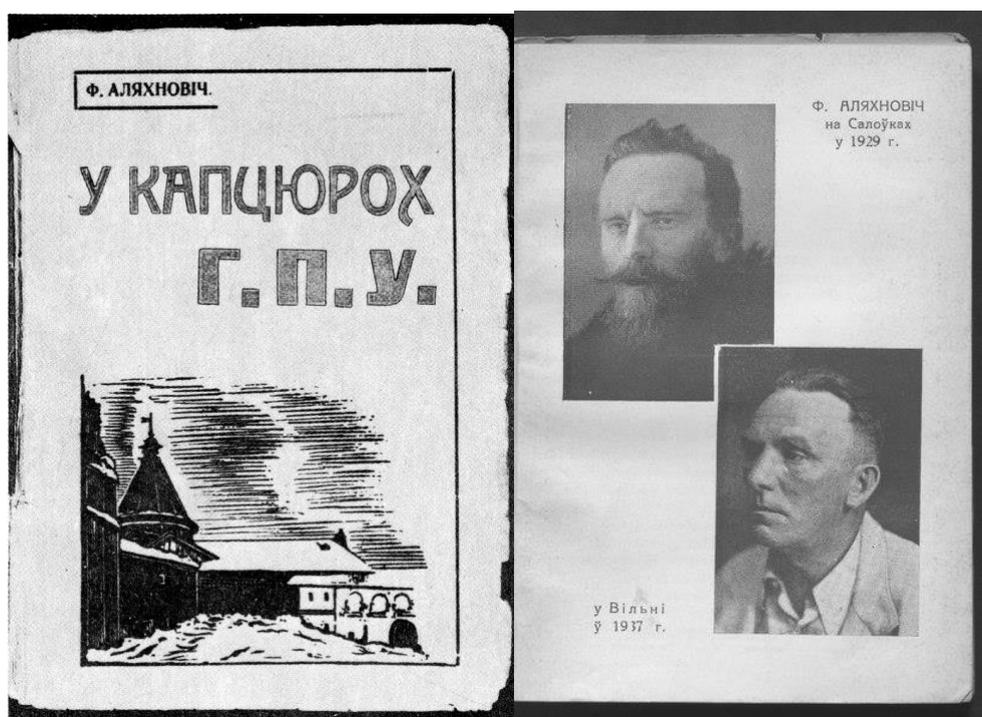
A presente tradução, do idioma belarusso, dos fragmentos do livro *Sete anos nas garras soviéticas* (em belarusso: *У канцюргох Г.П.У.*), dá começo à iniciativa de reapresentar a obra de Francišak Alachnovič<sup>1</sup> (**Figura 1**) ao público brasileiro. Tal iniciativa visa resgatar, 87 anos depois de sua primeira publicação, a memória do autor, pioneiro em apresentar ao mundo os horrores sobre o Gulag, 40 anos antes de Aleksandr Soljenítsin.

Para esta primeira publicação, apresentamos a tradução de 7 capítulos, escolhidos de um total de 117 capítulos do livro (Alachnovič, 1994), o que representa aproximadamente 7,3% do volume total da obra. Estes 7 capítulos permitem ao público vislumbrar um pouco da experiência do autor, incluindo preâmbulo e epílogo.

**Figura 1.** Capa da 1ª edição do livro em belarusso, 1937. Retratos do autor: Francišak Alachnovič (1883–1944) na prisão de Solovki, em 1929, à esquerda, e em Vilnia em 1937, à direita.

<sup>1</sup> Pronúncia: /frantsíshak aliakhnóvitch/, IPA: [frantʂiʂak aliaxnovʲitʂ]. Neste trabalho, usamos a grafia latina tradicional de belarusso

(*tacinka*) para os nomes próprios e nomes geográficos (Arsionaŭ, 2016).



Fonte: Alachnovič, 1937.

Francišak Alachnovič foi dramaturgo, pesquisador de teatro e escritor belarusso. Nasceu em uma família da decadente nobreza belarussa, filho de Maryja Narkievič e Karal Alachnovič, na antiga cidade belarussa de Vilnia, ocupada então pelo Império russo, atual Vilnius, capital da Lituânia. Influenciado pelo pai, violinista profissional que trabalhava em orquestras teatrais, Francišak Alachnovič, desde pequeno, visitava espetáculos e era apaixonado pelo teatro (Alachnovič, 1994, p. 5).

Depois de estudar na Escola de Drama em Varsóvia, de 1904 a 1907, e trabalhar como ator em um teatro

itinerante por um ano, Alachnovič voltou para Vilnia, trabalhou como repórter nos jornais locais e editou a revista de humor, em polonês, *Perkunas*. Nesse período, ele se juntou ao círculo de ativistas belarussos, reunidos em torno do jornal *Naša Niwa*, o que predeterminou seu envolvimento no movimento nacional belarusso. Em 1910, Francišak Alachnovič, junto com Ihnat Bujnicki e Alaksandr Burbis, fez a direção da peça de teatro *Po revizii* (em ucraniano: *По ревізії*, algo como “*Depois da fiscalização*”), do autor ucraniano Marko Kropyvnyts’kyy, traduzida para o belarusso. Seu sucesso chama atenção das autoridades que o acusam de

“blasfemar contra os poderes celestiais incorpóreos<sup>2</sup>” (Alachnovič, 1994, p. 22) nas publicações humorísticas da *Perkunas*. Enquanto cumpria pena de um ano, na prisão de Lukiški, em 1913, Alachnovič escreveu sua primeira peça de teatro: *Na Antokali* (lit. “*Em Antokal*”), primeiramente em polonês, e, em 1915, em belarusso.

Em 1918, mudou-se para Minsk, onde foi proclamada a independência da República Popular de Belarus, a 25 de março. Em 3 de julho do mesmo ano, Alachnovič foi nomeado diretor de repertório do Teatro Estatal de Belarus (RADA BNR, 2023). De 1919 a 1920, ele trabalhou como diretor-geral do Teatro Belarusso, em Minsk. Em 1920, Alachnovič novamente se encontra em Vilnia, então ocupada pela Polônia. Lá, em 1924, editou o jornal *Biełaruski zvon* e escreveu seu livro *Biełaruski teatr* (lit. “*O Teatro Belarusso*”).

Em 1926, atravessou a fronteira da Belarus Soviética, atraído pela suposta política de “belarussização” que lá estava sendo implementada, com a expectativa de desenvolver o

teatro belarusso. Foi nomeado para administrar o Segundo Teatro Estatal de Belarus, em Viciebsk, mas logo foi preso e condenado a dez anos de trabalho forçado nos campos de Solovki. No entanto, após sete anos, em 1933, Francišak Alachnovič foi libertado em troca de Branislaŭ Taraškievič, por sua vez preso na Polônia, acusado de colaboração com bolcheviques. Se nessa troca Alachnovič ganhou liberdade e alguns anos de vida tranquila, seu colega Taraškievič, escritor, tradutor e filólogo, conhecido principalmente pela sua *Biełaruskaja hramatyka dla škol* (1918, lit. “*Gramática belarussa para as escolas*”), saiu da prisão polonesa para entrar na prisão soviética, onde seria torturado e fuzilado, em 1938.

De volta a Vilnia, Alachnovič escreveu sobre dramaturgia e teatro belarusso para o jornal *Słowo*, em polonês, e se dedicou à publicação e divulgação de suas memórias da prisão. Durante a segunda ocupação alemã, editou a revista *Biełaruski Holas* (lit. “*Voz Belarussa*”), de 1942 a 1944. Em 3 de março de 1944, Alachnovič foi

<sup>2</sup> Tradução nossa, do russo: “возложении хулы на бесплотные силы небесные”.

morto a tiros na porta de seu apartamento. A autoria do crime é desconhecida, sendo ainda hoje objeto de debate.

Logo após sua libertação do Gulag, Francišak Alachnovič escreveu seu relato da prisão, em belaruso, buscando oportunidades para sua publicação. Em 1935, conseguiu publicar a sua tradução para o polonês. Em 1937, no auge do terror stalinista, finalmente foi publicado o original, em belaruso, assim como as traduções do livro para o ucraniano, russo, italiano e português.

Graças ao trabalho da tradutora, escritora e jornalista Eva Wedber, imigrante polonesa, o público brasileiro foi um dos primeiros no mundo a ter acesso ao livro de Francišak Alachnovič, intitulado na sua versão em português: *Sete annos nas garras soviéticas (Verdades sobre os soviets)*. No entanto, essa edição se tornou uma raridade bibliográfica, com apenas um exemplar disponível ao público, na biblioteca do Museu Paranaense.

A tradução de Eva Wedber foi elaborada a partir do polonês. Consequentemente, o nome do autor

foi escrito de acordo com a grafia polonesa, *Franciszek Olechnowicz*, assim como outros nomes de pessoas e locais no livro, a exemplo de “Bialorrussia Sovietica” (sic) (O, 1937, p. 20). Entre as línguas eslavas existe a tradição de adaptação dos nomes estrangeiros para seu idioma, diferentemente da preservação da grafia de partida nas línguas latinas. A título de exemplo, o nome da escritora belarussa Svetlana Aleksiévitch, ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura, em 2015, vem de sua grafia russófona, enquanto seu nome, no alfabeto belaruso latino (*tacinka*) é Śvialtłana Aleksijevič. Tal fenômeno influencia todos os outros nomes em suas obras, assim como no caso Alachnovič/Olechnowicz. Portanto, além de rerepresentar a obra de Francišak Alachnovič ao público brasileiro após décadas de esquecimento, resgatamos sua identidade étnica através do seu nome e do trabalho com o texto de partida em seu idioma nativo, o belaruso.

No início da década de 1940, Francišak Alachnovič acrescenta à obra, que antes começava com sua detenção, a história que precedia esse momento, explicando o que o fez se

iludir com a Belarus Soviética e querer se mudar para lá.

Na sua primeira reedição na Belarus independente, em 1994 (o texto de partida para a presente tradução foi extraído dessa edição), a obra de Alachnovič ganhou o prefácio de Aleś Bialacki, escritor e pesquisador de literatura belarussa, defensor dos direitos humanos, atualmente preso político e ganhador do Prêmio Nobel da Paz, em 2022 (Voice of Belarus, 2022). Bialacki afirma que o atual sistema repressivo em Belarus tem sua origem nos julgamentos da época de Stálin e nos campos de Gulag, destacando o realismo de Alachnovič (1994, p. 9):

Da descrição cotidiana dos episódios como o transporte das pessoas da prisão de Minsk para o fuzilamento, brincadeiras com crianças nos corredores da prisão,

prostituição forçada em massa das mulheres encarceradas e muitos outros, obtém-se uma terrível imagem surreal e alegórica do Mal, que a mente de uma pessoa normal simplesmente não consegue compreender por completo<sup>3</sup>.

Em 2014, Aleś Bialacki foi um dos ganhadores do Prêmio Francišak Alachnovič para literatura escrita na prisão, instituído um ano antes, pelo PEN Center de Belarus, junto à Rádio Svaboda. Na sua edição mais recente, de 2021, os laureados foram Alaksandar Vasilevič, Mikoła Papiieka, Volha Kałackaja, Śviatlana Kuprejeva, Maksim Znak, Andrej Skurko e Andrej Alaksandraŭ – esses três últimos continuam, no momento de elaboração deste artigo, como presos políticos sob o regime ditatorial (Svaboda, 2021; Viasna, 2023; Memorial, 2022).

### Sete anos nas garras soviéticas

**Ах, як там добра...**

*Вільня*

**Ah, como é bom lá...**

*Vilnia*

<sup>3</sup> Tradução nossa, do belarusso: “З будзённага апісаньня такіх эпизодаў, як вываз вязьняў зь менскай турмы на расстрэл, гульня зь дзецьмі, што бегаюць па турэмных калідорах, вымушаная масавая

прастыгучыя нявольных кабетаў, і шматлікіх іншых атрымліваецца жахлівая сюррэалістычная і алягічная карціна Зла, усьвядоміць якую розум нармальнага чалавека да канца проста ня можа”.

А было гэта гэтак.

Група паслоў польскага сойму левага кірунку вярнулася з Менску. Большасць сярод гэтых "экскурсантаў" былі беларускія паслы.

Попутчкі спаткаўся ў Вільні на нейкай вечарыне з паслом Мятлой\*.

\* *Пазней намер на Салаўках.*

– Ну, і як там у Менску?

– Гм... О!.. Ого!..

– Узапраўды?

– О, яшчэ як!

– Далібог?..

– Эге!..

– Беларускія школы?

– Тысячы! Уся савецкая Беларусь пакрыта густой сеткай школ...

– Беларускіх?

– Беларускіх.

– Унівэрсытэт?

– Беларускі.

– Выдавецтва?

– О! Тыраж кніжкі даходзіць колькідзсят тысячаў... Госідзят плаціць вялізныя ганарары... Зьявілася шмат маладых выдатных талентаў...

Aconteceu assim.

Um grupo de diplomatas poloneses de esquerda voltou de Miensk<sup>4</sup>. A maioria, dentre esses 'excursionistas', era de embaixadores belarussos.

Popúchik<sup>5</sup> encontrou em Vilnia, em alguma festa, o embaixador Miatla<sup>6</sup>.

– Então, como está lá, em Miensk?

– Hm... Oh!.. Oooh!..

– Realmente?

– Oh, e como!

– Jura?..

– Pois é!..

– Escolas belarussas?

– Milhares! Toda a Belarus soviética coberta com uma rede de escolas...

– Belarussas?

– Belarussas.

– Universidade?

– Belarussa.

– Editora?

– Oh! A tiragem de um livro chega a dezenas de milhares... A editora estatal paga grandes honorários... Surgiram muitos jovens talentos

<sup>4</sup> Grafia original da capital de Belarus.

<sup>5</sup> NT: Popúchik, do russo: попутчик – companheiro de viagem.

<sup>6</sup> Morto, posteriormente, na mesma prisão de Solovki.

– Што вы кажаце!  
 – Ага!  
 – Тэатр?  
 – О, тэатр!.. Каб вы бачылі!..  
 Каб вы былі ў тэатры!.. Тэатр!.. О-го-го!

– Рэпэртуар?  
 – Арыгінальны і перакладны.  
 Зьявілася шмат беларускіх п'есаў:  
 "Кастусь Каліноўскі", "Каваль-  
 ваявода", "Вір", "На Купальле"...

– Акторскія сілы?  
 – Ой-ой-ой!.. А якія  
 пастаноўкі!.. Дэкарацыі...  
 балет...аркестра...

– Ну?  
 – Кажу вам.  
 – Няўжо-ж?  
 – Але... але!  
 – Гм...

Попутчкік найбольш цікавіўся тэатрам. Калісь у Менску стараўся стварыць прафэсіянальны тэатр. Цяпер у гэтым-жа Менску, дзякуючы дзяржаўнай субсыдыі, ёсьць першарадны тэатр, дзе працуюць сапраўдныя акторы...

У старым езуіцкім катэхізісе сярод пытанняў і адказаў ёсьць,

excelentes...

– Não diga!

– É isso mesmo!

– Teatro?

– Oh, oh teatro!.. Se você visse!..

Se você fosse ao teatro!.. Teatro!.. Oooh!

– Repertório?

– Original e traduzido.

Apareceram muitas peças belarussas:

"Kastuś Kalinoŭski", "O Ferreiro  
 Guerreiro", "Vir", "Na Kupalle"...

– Atores?

– Ai-ai-ai!.. E que encenações!..

Decoração... balé... orquestra...

– E é?

– Estou dizendo a você.

– Será?

– Pois é... pois é!

– Hm...

Popútkhik estava especialmente interessado em teatro. Havia um tempo que ele tentava criar um teatro profissional em Minsk. E agora, na mesma cidade de Minsk, graças à verba do governo, há um teatro de primeira classe onde trabalham atores de verdade...

No velho livro de catequese dos jesuítas, entre perguntas e respostas, há

<sup>7</sup> NT: Peça sobre Kastuś Kalinoŭski, herói nacional belarusso, líder da revolta de 1863-1864 contra a opressão russa.

паміж іншым, гэтка:

– Ці ў небе добра?

– Ах, як добра...

Гэтае "ах" узмацоўвала людзей у веры ў шчаслівае жыццё ў небе.

Гэтак сама дзелялі на Попутчыка "ахі" і "охі" Мятлы. Ён усё болей пераконваўся, што ў Менску...

... ах, як добра...

Пасьля яшчэ спытаўся:

– А як вам здаецца? Калі-б, на той прыклад, я туды паехаў?..

– Дык-жа вас там чакаюць!

– Што кажаце! Была там гутарка аба мне? Успаміналі?

– І ня раз. Казалі, што вы ў Менску надта патрэбны.

– Дык думаеце, што я зрабіў-бы добра, калі-б паехаў?

– Бязумоўна! Там – вось поле да працы!

– Ну, як гэта... Як-бы сказаць?.. Тэрор?.. ГПУ... Памятаю, калісь карысталася вялікай папулярнасьцю "стенка"...

– Што вы... Але-ж гэта беспаваротна мінавала. Гэта былі часы ваеннага камунізму. Цяпер жыццё зусім нармальнае.

inclusive essas:

– Será que é bom lá no céu?

– Ah, como é bom!

Esse "ah" fortalecia a fé das pessoas em uma vida feliz no céu.

Do mesmo modo, esses "ah" e "oh" de Miatla agiam em Popútchik. Ele, cada vez, mais se certificava de que em Miensk...

...ah, como é bom...

Depois, ainda perguntou:

– E o que o senhor acha? Se, por exemplo, eu fosse para lá?

– Pois, lá esperam pelo senhor!

– Não diga! As pessoas lá falaram sobre mim? Lembraram?

– Diversas vezes. Disseram que Miensk precisa muito do senhor.

– Então, o senhor acha que eu faria bem se fosse?

– Sem dúvida! Lá, há um campo para trabalhar!

– Mas como é que... Como lhe dizer?.. E o terror?.. A GPU?<sup>8</sup>.. Eu lembro que a "stenka"<sup>9</sup> era muito popular na época...

– O que é isso... Mas isso passou sem deixar rastro. Isso foi no tempo do comunismo militar.

<sup>8</sup> Do russo: Государственное Политическое Управление, ou Administração Política Estatal.

<sup>9</sup> NT: Stenka (do russo: стенка – parede) – fuzilamento dos presos, colocados contra o paredão.

– Ну, а як справы харчаванья?

– Усяго колькі хочаш. Цяпер жа НЭП... Магазины завалены харчамі... А ікра!.. Ах, якая смачная ікра!.. Ну, толькі з мануфактурай труднавата.

– Дык, канец канцоў, кажаце, каб ехаць?

– Я на вашым месцы ні хвіліны-бы ня думаў...

\* \* \*

Гэтая гутарка адбывалася ў 1926 годзе.

У Вільні шырыла свае ўплывы "Грамада", захопліваючы ўсіх; там, у БССР, яшчэ трывала распачатая Леніным "перадышка", новая эканамічная палітыка і давала магчымасць свабодней уздыхнуць. На рынках зьявіліся прадукты вёскі, у крамах было даволі спажывецкіх тавараў.

Праводжаная энэргічна, паводле загаду зьверху, беларусізацыя ня надта падабалася старым расейскім чыноўнікам, якія апанавалі ўсе савецкія ўстановы ў Менску, але цешылася беларуская інтэлігенцыя з

Agora, a vida está totalmente normal.

– E como é a questão da alimentação?

– Tem tudo em abundância. Agora é a NEP<sup>10</sup>... E o caviar!.. Ah, que caviar gostoso!.. Bem, a manufatura ainda está difícil.

– Então, no fim das contas, o senhor diz que é bom ir para lá?

– Eu, no seu lugar, não pensaria nem por um minuto...

\* \* \*

Essa conversa aconteceu em 1926.

Em Vilnia, a organização Hramada ampliava sua influência, conquistando todos; lá, na RSSB<sup>11</sup>, ainda permanecia a "folga" iniciada por Lênin, a nova política econômica, e dava para respirar. Nas feiras, apareciam as mercadorias no interior, nos mercados havia bastante coisas.

A belarussização, conduzida com muito ânimo e aprovada pela administração, não agradava muito os velhos burocratas russos que dominavam todas as instituições soviéticas em Miensk, mas os intelectuais

<sup>10</sup> NT: Nova Política Econômica.

<sup>11</sup> República Socialista Soviética de Belarus.

таго і гэтага боку гранічнае мяжы. У беларускай сацыялістычнай савецкай рэспубліцы беларусы бачылі свой П'емонт, які злучыць парэзаныя рыскім трактатам беларускія землі.

Дык няма дзіва, што на Віленшчыне шырыліся рэвалюцыйныя настроі, а вочы ўсіх зварачаліся на ўсход, дзе...

... ах, як добра!..

А "Сялянска-Работніцкая Грамада" дапамагала гэтым настроям пашырацца яшчэ болей.

Толькі маленечкая група беларусаў, якая гуртавалася ў "Беларускай Часовай Радзе", проціставілася "Грамадзе" і вяла палітыку г. зв. "палёнафільскую".

Лідэрам "Грамады" быў атуманены бальшавікамі ідэйны беларус Браніслаў Тарашкевіч, на чале "Рады" стаяў кар'ерысты і "тёмная лічність" др. Арсен Паўлюкевіч.

\* \* \*

Попутчкік... быў віцэ-старшынёй паўлюкевічаўскай "Рады". Але рэвалюцыйныя настроі запаўзалі

belarussos, de ambos os lados da fronteira, estavam felizes. Os belarussos viram na república socialista soviética belarussa seu Piemonte<sup>12</sup> que unificaria as terras belarussas separadas pelo tratado de Riga<sup>13</sup>.

Pois então, não há nada de estranho na expansão das ideias revolucionárias na região de Vilnia e que os olhos de todos viravam para o oriente onde...

...ah, como é bom!..

E a Hramada dos Camponeses e Trabalhadores ajudou a ampliar essas ideias ainda mais.

Apenas um pequeno grupo de belarussos, que se organizou na Rada, o Conselho Temporário de Belarus, se opunha à Hramada e conduzia uma política chamada "polonófila".

O líder da Hramada era um belarusso idealista, iludido por bolcheviques, Branislaŭ Taraškievič, e a Rada era encabeçada pela "personalidade sombria" e carreirista do Dr. Arsen Paŭlukievič.

\* \* \*

Popútchik... era o vice-

<sup>12</sup> NT: Piemonte é a região na Itália a partir da qual começou a unificação das terras italianas. O nome é usado como metáfora para regiões com uma importância semelhante em outros países.

<sup>13</sup> NT: O tratado de Riga, assinado em 1920, dividiu Belarus entre a Polónia e a Rússia.

і да "Рады". Попутчiк ужо быў амаль чырвоны і, калі ня зрываў канчаткова з Паўлюкевічам, дык толькі дзеля таго, каб дачакацца адпаведнага моманту, калі разам із сваім выхадам з "Рады" можна будзе зрабіць яе развал. Іншыя сябры былі таксама народ няпэўны. Паўлюкевіч ведаў гэта добра, і ягоныя вочы неспакойна сачылі ўсіх. Ён прадчуваў, што хочучь зрабіць яму нейкую неўспадзеўку, разварушыць ягонае "хлебнае дело" – Беларускаю Раду...

Бунтарскі настрой сярод сяброў "Рады" павялічвала яшчэ тая прычына, што ваявода Рачкевіч ня выплаціў субсыдыі і сябры даўжэйшы ўжо час ня толькі ня мелі на гарэлку, але нават на абед.

Попутчiк быў раздвоены. Уваходзячы покуль што ў склад "Рады", ён духова быў ужо з рэвалюцыйнай "Грамадой".

### Бяз маскі

Але далоў маску! Бо, мусіць,

presidente da Rada de Paŭlukievič. Mas os sentimentos revolucionários também penetraram na Rada. Popútchik já estava quase vermelho, e se não rompia de vez com Paŭlukievič, então apenas esperava o momento apropriado quando, junto com sua saída da Rada, seria possível provocar seu colapso. Outros membros também não eram pessoas confiáveis. Paŭlukievič sabia disso muito bem e seus olhos observavam incansavelmente a todos. Ele previa que eles queriam prestar-lhe algum tipo de desserviço, para agitar seu "negócio lucrativo", a Rada Belarussa...

O clima rebelde entre os membros da Rada foi aumentado pelo fato de o comandante Račkievič não pagar os subsídios, e já havia muito tempo que os membros não tinham dinheiro, não só para a vodka, como tampouco para o almoço.

Popútchik estava dividido. Fazendo parte da Rada, ele já estava moralmente com a Hramada revolucionária.

### Sem máscara

Mas, fora a máscara! Porque,

ужо чытач і сам здагадаўся, што пад гэтай, вельмі празрыстай, між іншым кажучы, маскай "Попутчыка" хаваецца сам аўтар гэтых успамінаў.

Скідаю маску. Але! Гэтым наіўным "Попутчыкам" быў я – Францішак Аляхновіч.

Чытачы мае! Вы думаеце, што гэта лёгка прызнацца, што я, ужо не дзяцюк, даў так наіўна, так дурнавата, гэтак бязьмежна недарэчна ашукаць сябе! Мне цяпер сорамна, што я гэтак бяскрытычна верыў тады ў савецкі міраж, што нават агентаў ГПУ прыймаў за людзей, якім можна верыць, мала што не за сваіх прыяцеляў.

Цяжка было пісаць гэту споведзь, гэтае дабраахвотнае "пакаяньне". Довадам гэтага, што ў 1937 г., выпускаючы ў Вільні сваю кніжку "У капцюрох ГПУ", я абмежаваўся толькі сваімі вастрожнымі ўспамінамі, ня кажучы нічога аб тым, што было са мной ад дня прыезду ў Менск да дня арышту.

Але трэба было напісаць і аб тым, што дзелялася паміж 17 лістапада 1926 г. і 1 студзеня 1927 г. Бяз гэтага было шмат чаго няясна. Адны

talvez, o leitor já adivinhasse que o escondido sob essa máscara de "Popútchik", bastante transparente, aliás, é o próprio autor dessas memórias.

Eu tiro minha máscara. Isso! Este ingênuo "Popútchik" era eu, Franciśak Alachnovič.

Meus leitores! Vocês acham que é fácil admitir que eu, não mais criança, me deixei enganar de forma tão ingênua, tão estúpida, tão infinitamente absurda! Agora estou envergonhado por ter acreditado tão acriticamente na miragem soviética naquela época, por ter considerado até mesmo os agentes da GPU pessoas em quem se podia confiar, quase meus amigos.

Foi difícil escrever esta confissão, este "arrependimento" voluntário. Provo isso pelo fato de que, em 1937, ao publicar meu livro *Nas garras da GPU*, em Vilnia, limitei-me a apenas às minhas memórias da prisão, sem dizer nada sobre o que aconteceu comigo desde o dia em que cheguei a Miensk até o dia da minha prisão.

Mas era necessário escrever sobre o que aconteceu entre 17 de novembro de 1926 e 1º de janeiro de 1927. Sem isso, muitas coisas não ficaram

пыталіся: "За што-ж канец канцоў  
большавікі пасадзілі гэтага  
Аляхновіча?" А іншыя казалі:

"Э! Мусіць, нешта было... гэта  
нездарма... чалавека так нізашто ў  
вастрог ня садзяць..."

Цяпер маеце ўсё, няма нічога  
недасказанага! Цяпер ведаеце, за што.  
Але цяпер, пасля перажываньняў  
апошніх год, ужо, мусіць, ніхто й не  
задаваў-бы гэтых пытанняў. Цяпер  
ужо ўсе – і ў Заходняй і Усходняй  
Беларусі – добра пазналі  
большавікоў і ведаюць, за што людзей  
садзяць у востраг...

Дык навошта я гэта ўсё пішу?  
Можа, й ня трэба ўжо аб гэтым пісаць,  
калі ўсе ўжо добра пазналіся на  
большавікох?

Дай Божа, каб усе. Але яшчэ ня  
ўсе. Як сыфілітычныя спірохэты ў  
варганізьме, гэтак залазіць ў душы  
паганая большавіцкая атрута. Няхай  
мае словы, словы "попутчыка",  
аздараўляюць гэтых бедных духам  
людзей. Няхай вучацца на маім  
прыкладзе. Бо ні Тарашкевіч, ні Рак-  
Міхайлоўскі, ні Гаўрылкін, ні  
Дварчанін – ды й ня пералічыш іх  
усіх, нічога вам ня скажуць. Адны з

claras. Algumas pessoas perguntavam:  
"Por que os bolcheviques prenderam  
esse Alachnovič?" E outros diziam:

"Ah! Deve ter sido alguma  
coisa... não é à toa... as pessoas não são  
presas à toa..."

Agora vocês têm tudo, não há  
nada que falte dizer! Agora vocês sabem  
por quê. Mas agora, depois das  
experiências dos últimos anos,  
provavelmente ninguém mais faria essas  
perguntas. Agora todo mundo, tanto na  
Belarus Ocidental quanto na Oriental,  
conhece bem os bolcheviques e sabe por  
que eles colocam as pessoas na prisão...

Então, por que estou escrevendo  
tudo isso? Talvez não haja necessidade  
de escrever sobre isso, quando todos já  
conhecem bem os bolcheviques?

Antes fosse. Mas ainda não são  
todos. Assim como as espiroquetas de  
sífilis contaminam o organismo, assim o  
asqueroso veneno bolchevique invade as  
almas. Que minhas palavras, as palavras  
de "popútchik", curem essas pessoas  
pobres de espírito. Que elas aprendam  
com o meu exemplo. Pois nem  
Taraškievič, nem Rak-Michajłoŭski, nem  
Haŭryłkin, nem Dvarčanin – e nem tem  
como listar todos – não lhes contarão

гэтых няшчасных, неразумных гніюць ўжо ў зямлі, іншыя – у концлягерах або вастрогах.

Мне пашанцавала. Я шчэ жыву. Я на волі. Я магу яшчэ трымаць пяро ў руцэ. Ад свайго вызвалення, восем год назад, я не пакідаю пісаць і гаварыць аб найстрашнейшым ворагу чалавецтва – аб бальшавізме. Мне калісь ня верылі. Казалі, што гэта паэтыцкая выдумка. Хлусьня. Цяпер паверыце.

### На Камароўку

Часта няма аб чым гутарыць, асабліва калі людзі прымушаны быць з сабой неразлучна цэлыя дні і ночы. Усё ўжо, здаецца, сказана, усё перагаворана.

Як ня было аб чым гаварыць, мы гулялі ў шахматы. Аднаго разу мой таварыш быў неяк дзіўна няўважлівы, раз за разам прайграваў. Як пачаў набліжацца вечар, пачаў агортваць яго нейкі несупакой. Я спытаўся, што з ім?

– Сяньня панядзелак, – адказаў ён.

– Ну дык што? Такі самы

nada. Uns desses infelizes já estão apodrecendo na terra, outros, nos campos de concentração ou prisões.

Eu tive sorte. Eu ainda vivo. Estou em liberdade. Eu ainda consigo segurar a pena na minha mão. Desde a minha libertação, oito anos atrás, eu não deixo de escrever e falar do inimigo mais terrível da humanidade, do bolchevismo. Antes não acreditavam em mim. Diziam que era uma invenção poética. Mentira. Agora acreditarão.

### Para Kamaroŭka

Frequentemente falta sobre o que falar, especialmente quando as pessoas são forçadas a ficarem juntas, inseparavelmente, por dias e noites inteiras. Parece que tudo já foi dito e falado.

Quando não tínhamos o que falar jogamos xadrez. Uma vez, meu camarada estava estranhamente distraído, perdia uma vez após a outra. Quando a noite se aproximava ele ficava encoberto de uma inquietação. Perguntei-me, o que estava acontecendo com ele?

– Hoje é segunda, – ele

дзень, як іншыя.

– Сяньня панядзелак... Ужо два тыдні, як нікога не ўзялі... Думаю, што сяньня...

– Куды?

Ён глянуў на мяне працяжна й адказаў:

– На Камароўку.

– Што гэта: Камароўка?

– Лес. У Камароўскім лесе расстрэльваюць. Ці-ж ня ведаеце?

Я нічога ня ведаў. Цяпер толькі даведаўся...

У нядзелю звычайна вяртаўся кур'ер з Масквы з прысудамі калегіі ОГПУ, а ў панядзелак пачыналіся расстрэлы.

Зьмяркалася. Ужо хутка запаліць электрыку.

Але яшчэ відаць. Можна распачаць новую партыю шахматаў.

Раптам мой партнёр сарваўся з месца і пачаў нэрвова хадзіць па камары.

– Чаго вы?.. – пытаюся.

– Ціха...

– Чаму?..

– Няўжо ня чуеце?

На падворку гудзеў матор

respondeu.

– E daí? É um dia como outro qualquer.

– Hoje é segunda... Há duas semanas que não levam ninguém... Acho que será hoje...

– Para onde?

Ele olhou para mim, prolongadamente, e respondeu:

– Para Kamaroïka.

– O que é isso, "Kamaroïka"?

– É uma floresta. Eles fuzilam na floresta de Kamaroïka. Será que você não sabia?

Eu não sabia de nada. Só me inteirei agora...

No domingo, geralmente, o mensageiro de Moscou chegava com as condenações do conselho da OGPU<sup>14</sup>, e na segunda, os fuzilamentos começavam.

Escurecia. Já iam acender a luz elétrica.

Mas ainda dava para enxergar. Podíamos começar uma nova partida de xadrez.

De repente, meu parceiro levantou-se e começou a andar nervoso pela cela.

<sup>14</sup> Administração Política Estatal Unida.

аўтамабіля-грузавіка. Мой таварыш кінуўся да дзвьярэй і, прытуліўшыся да іх, пачаў прыслухоўвацца. Я з дзівам глядзеў на ўсё гэта, не адчуваючы трагэдыі, якая ў той час разыгрывалася ў падвале ГПУ, а ў душы майго таварыша асабліва. Раптам ён адскочыў ад дзвьярэй і кінуўся да вакна.

– Бяруць... – прахрыпеў.

Перад нашым вакном хутка мігнулі нейкія сьцені. Было чуваць, як ад'яжджаў аўтамабіль. Я глянуў на свайго камрата. Стаяў ён непарушна каля вакна, а сьлёзы капалі з вачэй.

У гэты вечар павезлі на Камароўку двух зраджаных ім ягоных таварышоў.

Аднаго прозьвішча – Івашка. Другога – не памятаю.

### Інсцэнізацыі

Здаралася, што з вязьнем, які не хацеў прызнавацца да пастаўленых яму абвінавачаньняў або ня выконваў

– O que foi?.. – perguntei.

– Quietoo...

– Por que?..

– Será que não está ouvindo?

No pátio, ouvia-se o barulho do motor do caminhão. Meu camarada correu para a porta e, encostado nela, começou a escutar. Eu olhava surpreso para tudo isso sem sentir a tragédia que estava acontecendo no porão da GPU, e ainda mais na alma do meu amigo. De repente, ele pulou da porta para a janela.

– Estão levando... – disse ele com a voz rouca.

Algumas sombras rapidamente passaram embaixo da nossa janela. Deu para ouvir como o automóvel partiu. Eu olhei para o meu camarada. Ele estava imóvel perante a janela, e as lágrimas rolavam dos seus olhos.

Nessa noite, dois de seus camaradas traídos por ele foram levados para Kamaroŭka.

O sobrenome de um era Ivaška. O outro, não lembro.

### Encenações

Acontecia com preso que não queria confessar as acusações implicadas contra ele ou não cumpria alguma outra

нейкіх іншых дамаганьняў сьледчага, калі нават карцэр не памагаў, разыгрывалі вось якую штуку: выклікалі з камары, зьвязвалі рукі, везлі ў камароўскі лес і тамака, над выкапанай ямай, прылажыўшы рэвальвэр да галавы, дамагаліся прызнаньня, дакляраючы тады дараваць жыцьцё.

Сядзеў з намі нейкі Воўк-Міхайлаў, малады хлапец, контррэвалюцыянэр.

Ён няраз бравурна філэзафаваў:

– Праўду кажучы, што ёсьць расстрэл? Што ёсьць сьмерць? Глупства! Ці ня ўсё роўна? Дык-жа ўсе мы засуджаныя на сьмерць. І на волі, таксама як у ГПУ, мы ня ведаем ані дня, ані гадзіны... Адзін памрэ, скажам, праз дваццаць гадоў, другі праз дзесяць, нехта іншы, можа, праз год... Ці ня ўсё роўна, ці раней, ці пазьней? На ложку ў сваей хаце ці ў камароўскім лесе?..

Аднойчы паклікалі яго "с вещами"...

Вярнуўся ў нашу камару праз пару гадзін зьбялеўшы як палатно, з

exigência do investigador. Quando nem a cela punitiva adiantava, pregavam nele este tipo de peça: chamavam-no para fora da cela, amarravam suas mãos, levavam-no para a floresta de Kamaroŭka e lá, sobre uma cova cavada, com um revólver em sua cabeça, exigiam confissão, declarando então poupar sua vida.

Tinha na nossa cela um tal de Voŭk-Michajlaŭ, um contrarrevolucionário jovem.

Várias vezes, ele filosofou com bravura:

– Para falar a verdade, o que é um fuzilamento? O que é a morte? Bobagem! Não é que dá no mesmo? Pois, somos todos condenados à morte. Tanto em liberdade quanto na GPU, não sabemos o dia nem a hora... Um vai morrer, digamos, daqui a vinte anos, outro daqui a dez, outro, talvez daqui a um ano... Não é que dá no mesmo, mais cedo ou mais tarde? Na cama da sua casa ou na floresta de Kamaroŭka?

Uma vez o chamaram "s veshtchámí"<sup>15</sup>...

Voltou a nossa cela depois de algumas horas, branco como um pano,

<sup>15</sup> Em russo: с вещами – (para sair) com (suas) coisas.

няпрытомнымі вачыма, увесь дрыжучы.

У першыя часіны мы нічога не маглі ад яго даведацца. Немагчыма было з ім гаварыць. І толькі на другі дзень ён расказаў нам аб інсцэнізацыі на Камароўцы.

Хутка пасля гэтага паехаў другі раз у камароўскі лес. Гэтым разам паехаў, каб ужо болей не вяртацца...

### Лісты

Зіма. Даўгая паўночная зіма. У сухія марозныя ночы сьвеціць на небе паўночнае зіхаценьне. Навічкі, калі нехта, увайшоўшы ў камару, скажа: і сяньня на небе "северное сіяніе", – выбягаюць вонкі і зь цікавасьцю ўзіраюцца на нябачную праяву. А стары салаўчанін ужо абьякава глядзіць на гэтыя сьветлыя хмарынкi, што мігцяць на небе, на слупы сьвятла, што вырываюцца з-за небасхілу, або на шчэ больш эфэктную адмену: на вялізарнае паўкола із шчарбатымі зубамі, якія паланеюць, мігаючы, быццам нейкае блядое таёмнае полымя, прыкрытае

com olhos inconscientes, todo trêmulo.

Nas primeiras horas, não conseguíamos nenhuma informação com ele. Era impossível falar com ele. E só no segundo dia ele nos contou sobre a encenação na Kamaroŭka.

Logo depois disso, ele foi para a floresta de Kamaroŭka pela segunda vez. Desta vez, foi para não voltar mais...

### Cartas

Inverno. Longo inverno do norte. Nas noites secas e geladas, a aurora boreal brilha no céu. Os novatos, quando alguém diz ao adentrar a cela: "hoje tem *severnoe siánie*<sup>16</sup> no céu", correm para fora e olham com curiosidade para a manifestação invisível. Mas o velho habitante de Solovki já olha com indiferença para essas nuvens leves que tremulam no céu, para os pilares de luz que irrompem por trás do céu, ou para uma coisa ainda mais poderosa: um enorme semicírculo com dentes irregulares que tremulam, piscando, como uma chama secreta e pálida coberta por um escudo...

<sup>16</sup> Aurora boreal, em russo.

шчытом...

Лісты!.. Лісты прыйшлі!..  
Кажны сьпяшаецца да свае роты, дзе ў  
днявальнага на століку ляжыць ужо  
куча лістоў. Творыцца чарга.  
Выклікаюць прозьвішчы адрыватаў.

Лісты! Якая-ж гэта  
невymoўная радасьць, якое  
бязьмернае шчасьце – узімку, на  
гэтым выклятым, адрэзаным ад сьвету  
абтоку – мець ліст ад кагосьці, хто па  
табе тужыць, бяссьільна спагадае  
тваёй долі, стараецца дадаць табе сілы  
вытрываньня, асаладзіць тваё жыцьцё  
надзеяй...

Але як-жа бедны той, каго  
сустракае расчараваньне – хто ліста  
не атрымаў!..

Іншыя чытаюць ды  
перачытваюць атрыманыя лісты  
колькі разоў і ня могуць насыціцца  
словамі, якія пісала дарагая рука. Праз  
ляды, праз снягі й шугу атрымалі яны  
гэты кавалак паперыны, пакрыты  
словамі, якія, стараючыся ашукаць  
цэнзуру, падаюць весткі аб падзеях  
пад роднай страхой. Салавецкі вязень  
навучыўся чытаць паміж радкоў. Ён  
ведае, што калі яму пішуць: "сястра  
твая хворая, ляжыць у больніцы" –

Cartas!.. As cartas chegaram!..

Todos correm para seus  
compartimentos, onde o escriturário já  
tem um monte de cartas sobre a mesa.  
Uma fila está se formando. Os nomes dos  
destinatários são chamados.

Cartas! Que alegria indescritível,  
que felicidade incomensurável – no  
inverno, nesta maldita ilha isolada do  
mundo – ter uma carta de alguém que  
anseia por você, simpatiza  
impotentemente com seu destino, tenta  
lhe dar força para resistir, para iluminar  
sua vida com esperança...

Mas quão pobre é aquele que se  
depara com a decepção – que não  
recebeu carta!..

Outros leem e releem as cartas  
recebidas várias vezes e não se cansam  
das palavras escritas pela querida mão.  
Através do gelo, neve e granizo, eles  
receberam este pedaço de papel, coberto  
de palavras, que, tentando enganar os  
censores, dão notícias dos  
acontecimentos sob seu querido telhado.  
O prisioneiro de Solovki aprendeu a ler  
nas entrelinhas. Ele sabe disso quando  
lhe escrevem: "Sua irmã adoeceu, ela está  
no hospital" – então entenda: ela está na  
prisão. Se lhe escreverem: "a saúde do

дык разумей: сядзіць у вастрозе. Калі пішуць: "здараўе твайго брата вымагае даўжэйшае бытнасьці ў санаторыі" – дык гэта значыць: брата твайго спаткала твая доля, і ён павандраваў таксама да нейкага канцэнтрацыйнага лягеру. Калі напісана: "дактары прызналі, што наш клімат шкодны дзеля здараўя бацькі" – чытай: твайго бацьку заслалі некуды ў Нарымскі край і ў Пячорскую тайгу...

Але той, хто ня меў ніякіх вестак, – запраўды варты спогаду. Вусны ў яго заціскаюцца, каб мускуламі твару ўстрымаць сьлязу, якая бліснула на ваччу... Нічога! Ніякае весткі! Што зь імі?.. Лепш ужо благая вестка, чымся гэтая праклятая няпэўнасьць...

Што зь імі сталася? Чаму ня пішуць?..

### Абмен

Надвор'е агіднае. Віхор гудзе ў недалёкім лесе і гоніць хмары, якія лятуць хутка-хутка й грамаздзяцца адна на адну, як быццам хочуць хутчэй праляцець над савецкай прымежнай брамай, што дзеліць два сьветы.

seu irmão exige uma estadia mais longa em um sanatório" – isso significa: seu irmão encontrou o mesmo destino que o seu e também viajou para algum campo de concentração. Se está escrito: "os médicos reconheceram que nosso clima é prejudicial à saúde do pai" – leia-se: seu pai foi enviado para algum lugar na região de Narym e na taiga de Petchora...

Mas aquele que não recebeu nenhuma notícia realmente vale ser lembrado. Seus lábios se cerram para conter a lágrima que brilhou em seu olho com os músculos de seu rosto... Nada! Nenhuma notícia! O que houve com eles?... Uma notícia ruim é melhor do que essa maldita incerteza...

O que aconteceu com eles? Por que eles não escrevem?

### Troca

O clima é irritante. Uma ventania ruge na floresta ao lado e persegue as nuvens, que voam cada vez mais rápido e se acumulam, como se quisessem voar mais rápido sobre o portão da fronteira soviética que separa dois mundos.

Olho para a inscrição "O

Углядаюся ў надпіс: "Коммунизм сметет все границы", які бачыў гэтак даўно — у лістападзе 1926 г., калі ехаў у Савецкае гаспадарства зь вераю ў магчымасьць беларускае культурнае працы там — у БССР. Тады гэтак сама была восень, але я ехаў з надзеяй на вясну ў сэрцы. Сяньня варочаюся, бадзяка, у вастрожным бушлаце, працьверазіўшыся на Салоўках, шчаслівы, што праз мамэнт нага мая пераступіць мяжу краіны "будаўніцтва сацыялізму" — у вадваротным кірунку. І сяньня восень, але ў маёй душы цяпер сьветла, сонечна, радасна...

Прыглядаюся да паходу, які набліжаецца да нас — з таго боку.

Мой гэпісты гэтак сама ўтаропіўся ў гэтую групу і ад часу да часу рэгулюе наш крок:

— Павальней!.. Хутчэй!..

Відаць, ідзець аб тое, каб прыйсьці на ўмоўленае месца на мяжы ў дакладна азначаным часе. Бо было-б недалікатна прымушаць чакаць на сябе, а лішняя пасьпешнасьць абніжала-б прэстыж гаспадарства.

comunismo varrerá todas as fronteiras", que havia notado há tanto tempo, em novembro de 1926, quando viajava para o Estado soviético com fé na possibilidade de trabalho com a cultura belarussa ali, na RSSB. Também era outono, mas eu viajava com a esperança primaveril no meu coração. Hoje, vagabundo, em um casaco de prisioneiro, estou voltando, tendo aprendido em Solovki, feliz por, em um momento, poder cruzar a fronteira do país da "construção do socialismo" na direção oposta. Hoje também é outono, mas minha alma agora está brilhante, ensolarada, alegre...

Olho atentamente para a marcha que se aproxima de nós, do outro lado.

Meu GPUista também está encarando esse grupo e, de vez em quando, ajusta o nosso passo:

— Mais devagar!... Mais rápido!...

Aparentemente, trata-se de chegar ao local combinado na fronteira no horário especificado exatamente. Porque seria indelicado fazê-los esperar por nós, mas a pressa excessiva diminuiria o prestígio do Estado.

Foi assim que entendi esse

Гэтак я разумеў гэную каманду.

Я ўжо вырозьняваў твары людзей, якія да нас падыходзілі. Наперадзе йшоў нейкі высокі мужчына ў цывільнай вопратцы\*. Зь ім — з двума паліцыянтамі па баках — той, каго польскі ўрад абменьваў на мяне: Браніслаў Тарашкевіч. У гэты момэнт я адчуў ня толькі духовы, але й фізычны кантраст паміж намі. Вязень "капіталістычнага гаспадарства" меў на сабе прызвайты фільцовы капялюш, добра скроенае восеньскае паліто, беззаганна вычышчаныя боты... Савецкі вязень ішоў у старэцкім падзёртым кажуху на салавецкім бушлаце...

\* *Старшыня польскай рэпатрыяцыйнай камісіі, Кулікоўскі.*

Тарашкевіч ішоў, глядзячы на мяне зь ня выразнай усмешкай на твары.

Гэтулькі гадоў ня бачыўшы, з зацікаўленьнем углядаўся я на гэтага чалавека, які, хоць у добрай веры, усё ж гэтулькі зламаў чалавечых жыцьцяў, кіруючы вочы сваіх землякоў на міраж за межавымі

comando.

Eu já conseguia distinguir os rostos das pessoas que se aproximavam de nós. Um homem alto, à paisana, caminhava à frente<sup>17</sup>. Com ele, ladeado por dois policiais, estava aquele que o governo polonês trocou por mim: Branisław Taraškiewič. Naquele momento, senti não apenas um contraste espiritual, mas também físico entre nós. O prisioneiro da "economia capitalista" usava um chapéu de feltro feito sob medida, um casaco de outono bem costurado, botas impecavelmente limpas... O prisioneiro soviético caminhava com um casaco esfarrapado por cima de um roupão de Solovki...

Taraškiewič caminhou, olhando para mim com um sorriso indistinto no rosto.

Não o tendo visto durante tantos anos, olhei com interesse para este homem, que, embora de boa fé, arruinou vidas humanas, dirigir os olhos dos seus compatriotas para a miragem por detrás dos postos fronteiriços...

Cerimônia de troca. Prestar homenagem, curvar-se com um chapéu, apertar as mãos, assinar a ata de troca. E

<sup>17</sup> Presidente da Comissão de Repatriação Polonesa, Kulikowski.

слупамі...

Цырымонія абмену. Адданыя чэсьці, паклон капялюшом, сыцсканьне рук, падпісаньне акту абмену. І мы, калішнія прыяцелі, а цяпер – чужыя сабе людзі, шляхі якіх разыходзяцца ў процілежныя бакі, падалі сабе рукі. Звычайныя вастрожныя кампліменты: "Добра выглядаеш". – "Ты таксама". – "Дзякуй, але сумляваюся"...

Пасьля – колькі горкіх словаў за манлівыя міражы, але тут спыніў нашу гутарку старшыня польскае рэпатрыяцыйнае камісіі:

– Panowie mieli mówić o sprawach prywatnych, a panowie mówią o polityce...

А савецкі гэнэрал, пачуўшы нашу гутарку "на политические темы", ня ведаў, што рабіць, быў "захвачен врасплох".

Урэшце – апошняе халоднае пацісканьне рук.

– Бывай здароў!..

Ён із вастрогу пойдзе туды, дзе ўвесь вялізарны край – гэта адзін

нós, outrora amigos, agora estranhos, cujos caminhos divergem em direções opostas, apertamos as mãos. Elogios habituais da prisão: "Você parece bem." – "Você também." – "Obrigado, mas duvido"...

Depois, algumas palavras amargas sobre miragens atraentes. Então, o chefe da comissão de repatriação polonesa interrompeu nossa conversa:

– Panowie mieli mówić o sprawach prywatnych, a panowie mówią o polityce<sup>18</sup>...

E o general soviético, ao ouvir a nossa conversa "na políticheskie temy"<sup>19</sup>, não sabia o que fazer, foi "zakhvátchen vrasplokh"<sup>20</sup>.

Finalmente, o último aperto de mão, frio.

– Fique bem!...

Da prisão, ele irá para o lugar onde todo o enorme país é uma grande prisão, onde o pensamento humano é espremido nas correntes do absurdo soviético, onde se deve não apenas agir e falar, mas também pensar e respirar de

<sup>18</sup> NT: Em polonês: "Os senhores deviam conversar sobre assuntos pessoais, no entanto, os senhores conversam sobre política..."

<sup>19</sup> NT: Em russo: "sobre temas políticos".

<sup>20</sup> NT: Em russo: "pego de surpresa".

вялікі вастрог, дзе думка чалавечая  
сцьцісьненая ў вабцугох савецкага  
абсурду, дзе ня толькі дзеяць і  
гаварыць, але й думаць і дыхаць трэба  
паводле аднаго, для ўсіх абавязковага  
шаблёну. Ён пойдзе ў край белага  
нявольніцтва, голаду, нэндзы,  
людоедства, а я – кіруюся на Запад, да  
"капіталістычных" гаспадарстваў, дзе  
буду прынамсі спаць спакойна,  
ведаючы, што ўначы госьці з ГПУ не  
пастукаюцца да мае гасподы.

Каб-жа толькі ня бачыць  
больш кашмарных сноў. Каб забыцца  
на пяцігодкі, ударніцтва,  
людоедства!..

Я ап'янеў ад шчасця. Нешта  
гавару, шмат гавару... Ідзём у  
святліцу КОПу. Штось апавядаю... О,  
бо-ж запраўды можна быць п'яным ад  
шчасця! Якое-ж гэта дзіўнае  
пачуцьцё! Пяро маё не патрапіць  
апісаць гэтага стану.

Апавядаюць, што Мігуэль  
Сэрвантэс, зьвярнуўшыся з няволі ў  
алжырскіх піратаў, сказаў, што  
найвялікшым шчасьцем, якое можа  
спазнаць чалавек, ёсьць радасьць ад  
верненай волі. Гэткае шчасьце  
спазнаў я 6 верасня 1933 году. Гавару

acordo com um único padrão obrigatório  
para todos. Ele irá para a terra da  
escravidão branca, fome, miséria,  
antropofagia, e eu irei para o oeste, para  
fazendas "capitalistas", onde pelo menos  
dormirei em paz, sabendo que  
convidados da GPU não baterão em  
minha casa à noite.

Que eu não tenha mais  
pesadelos. Que eu esqueça esses planos  
de cinco anos, recordes de labor e  
antropofagia!..

Fiquei embriagado de felicidade.  
Estava falando algo, falando muito...  
Fomos para o posto. Eu fico contando  
algo... Ah, realmente é possível se  
embriagar de felicidade! Que sensação  
estranha! Minha pena não pode  
descrever esse estado.

Conta-se que Miguel de  
Cervantes, ao voltar do cativeiro dos  
piratas argelinos, disse que a maior  
felicidade que uma pessoa pode  
conhecer é a alegria de recuperar sua  
liberdade. Essa felicidade, eu conheci em  
6 de setembro de 1933. Estou falando da  
minha alegria. Agradeço... Me engasgo  
com as palavras!... Algo apertou minha  
garganta de tanta excitação...

Quem sabe não valha a pena

аб сваеі радасьці. Дзякую... Даўлюся  
словам!... Нешта сьціснула мне горла  
ад узварушаньня...

Хто ведае, можа, варта сем  
гадоў цярпець мукі ў савецкіх  
вастрогах, каб пасья перажыць такую  
часіну — часіну гэтага найвялікшага  
шчасьця.

Гэта часіна ўжо больш не  
паўторыцца. Яе можна перажыць у  
жыцьці толькі адзін раз\*.

*\* Гэтыя ўспаміны напісаныя ў  
1934 г. Тады мне й праз галаву не  
праходзіла, што з бальшавікамі  
дзядзецца шчэ раз спаткацца.*

\*\*\*

У той самы вечар сядзеў я ўжо  
ў гасподзе ў Стоўпцах і спажываў  
мясную вячэру. Еў праўдзівы валовы  
біфштэкс. З цыбуляй! З бульбай! Зь  
белым хлебам! Дык ня дзіва, што  
пасья даўгагадовае галадоўлі  
сьніліся мне ўначы — бальшавікі.

А назаўтрае — спатканьне з  
прыяцелямі на вагзале ў Вільні.

Цяпер — да новага жыцьця, да  
новае працы.

Кашмар мінуў.

І вось часіну вялікага шчасьця

sofrer sete anos nas prisões soviéticas  
para vivenciar esse momento, o  
momento dessa maior felicidade.

Esse momento não se repetirá.  
Ele só pode ser experimentado uma vez  
na vida<sup>21</sup>.

\*\*\*

Naquela mesma noite, eu já  
estava sentado em um estabelecimento  
em Stoўpcy e jantando carne. Comi uma  
verdadeira bisteca. Acebolada! Com  
batata! Com pão branco! Portanto, não é  
de admirar que, após um longo período  
de fome, eu via bolcheviques nos meus  
pesadelos, à noite.

E, no dia seguinte, um encontro  
com amigos na estação de trem de Vilnia.

Agora, partir para uma nova  
vida, para um novo emprego.

O pesadelo acabou.

Quando, como um animal  
fugido, me escondendo para não cair  
novamente nas mãos dos bolcheviques,  
depois de um ano de uma vida tão  
terrível, finalmente ouvi o rugido das  
bombas alemãs e vi como os  
bolcheviques fugiam, experimentei um

<sup>21</sup> Essas memórias foram escritas em 1934. Naquela época, não me passava pela cabeça que teria que me encontrar com os bolcheviques mais uma vez.

давлялося мне шчэ раз у жыцьці перажыць.

Калі, як загнаны зьвер, хаваючыся, каб ня трапіць ізноў у бальшавіцкія рукі, пасья года гэткага жудаснага жыцьця я нарэшце пачуў грукат нямецкіх бомбаў і пабачыў, як уцякалі бальшавікі, — я перажыў часіну радасьці, якая ў сваёй эмацыянальнасьці ня саступала перад тэй, ад 6 верасьня 1933 г.

### Эпілёг

І вось я на волі. Цешуся, п'янею ад волі. Месца сабе не знаходжу. Не сядзіцца на адным месцы. Вось пайдзі яшчэ сюды, загляну туды, пабачуся з гэтым, трэба шчэ наведаць таго. І як дзіўна. Ніхто за мной ня йдзе, ня трэба ніякага пропуску, куды хачу, туды йду.

Дзе-ж гэтыя, што паміраюць з голаду, беспрацоўныя, аб якіх я гэтулькі чытаў і чуў там, у Саветах? На гасподу майго прыяцеля, у якога я жыву, часта звоняць нейкія людзі: мужчыны, бабы... "Паночку! Калі ласка, беднаму галоднаму беспрацоўнаму, сяньня шчэ ня еўшы... Дайце, што ласка..."

momento de alegria, que em sua emotividade não era inferior à de 6 de setembro de 1933.

### Epílogo

Enfim, estou livre. Estou feliz, embriagado de liberdade. Não consigo ficar quieto. Não consigo parar. Passo aqui de novo, olho ali, vou me encontrar com esse, ainda tenho que visitar aquele. E que estranho. Ninguém me segue, não preciso de passe, vou aonde quiser.

Onde estão aqueles que morrem de fome, os desempregados, dos quais tanto li e ouvi falar lá, nos Sovietes? Na casa do meu amigo, onde moro, toda hora algumas pessoas aparecem na porta: homens, mulheres... "Bom dia, senhor! Por favor, um pedaço para o pobre, faminto, desempregado, que ainda não comeu... Dê-me alguma coisa, por favor..." A senhora dá um pedaço de

Гаспадыня дае галоднаму кавалак белай булкі з маслам, з сырам... У ваччу "галоднага" расчараваньне...

Варочаюся дахаты... Што гэта на клямцы? Прыглядаюся... На клямцы ўбіта булка з маслам і сырам... Скуль гэта булка? А! Гэта быў беспрацоўны... Галодны... не дастаўшы грошай, у злосьці ўбіў булку на клямку... "Падавецся вы сваёй булкаю!"...

Я бачу, што ў буржуазных краёх людзі не паміраюць з голаду, як аб гэтым на працягу 6 гадоў і 8 месяцаў я бязупынна чуў і чытаў у бальшавіцкіх газэтках...

Сяджу ў кавярні... Грае аркестра... Усе людзі чыстыя, сытыя, вясёлыя, ветлівыя... І ўспамінаюцца мне цяпер лягерныя блышыцы і вошы, гукі факстроту, якія прыносяць радыёвыя хвалі з далёкіх старонак...

Няўжо-ж усё гэта я запраўды перажыў? Няўжо-ж гэта ня сон, як тады - на вастрожных нарах?..

Хочацца гаварыць, а шчэ больш хочацца пісаць. Хочацца расплюшчваць людзям вочы. А людзі кажуць:

"Ну, няма дзіва, што вы гэтак

pão ao faminto. Pão branco com manteiga, com queijo... E nos olhos do "faminto", a decepção...

Voltando para casa... O que é isso na maçaneta? Olho mais de perto... Tem um pãozinho com manteiga e queijo preso na maçaneta... De onde veio esse pãozinho? Ah! Aquele desempregado... Faminto... sem conseguir dinheiro, com raiva pregou o pãozinho na maçaneta... "Enfie esse pão!"...

Vejo que nas terras burguesas as pessoas não morrem de fome, como ouvi e li incessantemente nos jornais bolcheviques durante 6 anos e 8 meses...

Estou em uma cafeteria... Uma orquestra está tocando... Todas as pessoas estão limpas, bem alimentadas, alegres, educadas... E agora me lembro das pulgas e piolhos do campo, dos sons dos foxtrotos que as ondas de rádio trazem de longe...

Será que eu realmente sobrevivi aquilo? Será que não é um sonho, como naquela época, nos beliches da prisão?...

Dá vontade de falar, e ainda mais, escrever. Eu quero abrir os olhos das pessoas. E as pessoas dizem:

"Bem, não é de admirar que você esteja pensando assim... Solovki. Quase 7

настроены... Салоўкі. Блізу 7 гадоў... Гм... Гэта ня жартачкі... Дык вы ня можаце глянуць на справу бесстаронна, вы на ўсё глядзіце аднабока... Але за што-ж вас у рэшце рэштаў пасадзілі?.. Мусіць, нешта было"...

Ідыятычнае пытаньне!.. За што? Таксама ідыятычна. Бядуля аднойчы, спаткаўшыся на вуліцы ў Менску з маім сваяком (пасыля майго вызвалення), сказаў:

– А што! Бачыце! Вымянялі! Значыцца, не здарма! Значыцца, нешта было...

Хочацца пісаць. Пайшоў у "Крыніцу". Разводзяць рукамі. Няма месца. Газэта бітма набітая матар'ялам... Можа, з часам... можа, калісь...

Разумею...

А пісаць хочацца...

Рэдакцыя польскае газеты "Słowo" прапануе мне, каб я надрукаваў у іх свае ўспаміны. Ахвоча згаджаюся. Пішу. Пішу праўду. Прытрымваюся прынцыпу: ня згушчаць хварбаў. Толькі праўду. Калі што блага – пішы, што блага, калі што добра – пахвалі! Але людзі ня

anos... Hum... Isso não é brincadeira... Então você não pode olhar para o assunto de forma imparcial, você olha para tudo apenas de um lado... Mas por que eles te colocaram na cadeia, afinal?... Deve ter sido algo"...

Que pergunta idiota!.. Por quê? Também idiota. Biadula uma vez, ao encontrar um parente meu na rua em Miensk (após minha libertação), disse:

– Pois, então! Vejam! Trocaram! Então, não foi à toa! Então havia algo ali...

Dá vontade de escrever. Fui para o *Krynica*. Eles deram de ombros. Não há espaço. O jornal está lotado de material... Talvez com o tempo... Quem sabe um dia...

Entendo...

Mas dá vontade de escrever...

A editora do jornal polonês *Słowo* me propõe publicar minhas memórias lá. Eu concordo de bom grado. Escrevo. Escrevo a verdade. Eu sigo o princípio: não engrosse a tinta. Somente a verdade. Se algo for ruim escreva que é ruim, se algo for bom, elogie! Mas as pessoas não acreditam. Não! Este Alachnovič está trapaceando. Não é desse jeito...

вераць. Не! Гэты Аляхновіч махлюе.  
Гэта ня так...

А тым часам ГПУ ня сьпіць.  
Шчупні паліпавы растуць,  
выцягваюцца, працягваюцца ажно да  
Вільні... Трэба неяк параліжаваць  
Аляхновічаву работу...

У габінэце галоўнага  
рэдактара "Slowa" С. Мацкевіча (Cat)  
звініць тэлефон.

– Хто гаворыць?

– Заступнік начальніка 2-га  
аддзелу, Ш. Што вы робіце? Нашто вы  
друкуеце гэтага Аляхновіча? Вы  
нічога ня ведаеце! Гэта вельмі цёмны  
тып! Што? Кажце: быў на Салоўках...  
Ну, гэта шчэ пытаньне, ці ён там быў,..  
Наагул – ня верце яму й будзьце  
асьцярожныя. Мы маем дадзеныя,  
што ён – агент ГПУ!..

Вось гэта здорава прыдуманая!  
Як, якім парадкам ГПУ здолела  
сугераваць гэтую чутку польскай  
Дэфэнзыве, – гэтага ня ведаю. Гэта  
застаецца таямніцай іхнай: ГПУ й  
Дэфэнзывы.

Ну, ведама, у рэдакцыі думалі,  
разглядалі, кумекалі – і прыйшлі да  
выснаваў, што п.Ш мае благія  
інфармацыі... Што-як-што, але каб

Enquanto isso, a GPU não  
dorme. Os tentáculos crescem, alongam-  
se, estendem-se até Vilnia... É preciso de  
alguma forma paralisar o trabalho de  
Alachnovič...

No escritório do editor-chefe de  
*Slowa*, S. Mackiewicz (Cat), o telefone  
toca.

– Quem está falando?

– O vice-diretor do 2º  
departamento, Š. O que o senhor está  
fazendo? Como publica este Alachnovič?  
O senhor não sabe de nada! É uma  
criatura muito obscura! Como? O senhor  
diz: ele esteve em Solovki... Bem, ainda é  
preciso conferir se ele realmente esteve  
lá... Não confie nele e tenha cuidado.  
Temos informações de que ele é um  
agente da GPU!

Isso é que foi bem pensado! Não  
sei como, de que modo a GPU conseguiu  
sugerir esse boato à Força Defensiva da  
Polônia. Isso permanece um segredo  
entre elas: a GPU e a Defensiva.

Bem, é claro, a equipe editorial  
pensou, analisou, discutiu e chegou à  
conclusão de que o Sr. Š. estava mal  
informado... Seja o que for, mas  
Alachnovič cooperando com a GPU,  
bem, isso não faz o mínimo sentido...

Аляхновіч супрацоўнічаў з ГПУ,- ну, гэта ў галаве ня месьціцца...

І вось я пісаў далей. Паслаў свой рукапіс у расейскай мове ў газэту "Возрождене" ў Парыж. Надрукавалі. Прыслалі грошы. Тады я сваім коштам выпусціў свае ўспаміны кніжкай у польскай мове. Зарабіў. Кніжка разыйшлася. Знайшоўся выдавец на другое выданьне. Зьвярнулася да мяне фірма "G. Nerbini" з Фірэнцэ. Выдрукавалі па-італьянску "La verita sulla Russia Bolscevica". Атрымаў прапановы з Рыю дэ Жанэйро. Зьявілася "Sete annos nas garras sovieticas" па-партугальску. Друкавала мяне ўкраінскае "Діло", а пасля выпусціла асобнай кніжкай "7 літ на Соловках".

Крыху, можа, нязручна аўтару казаць аб сваіх удачах, але мушу гэта зрабіць як уступ да новае штуці, выкінутае ГПУ у дачыненні да мяне.

Як ужо я сказаў вышэй, "Крыніца" адмовілася друкаваць мае ўспаміны (нават без ганарару!). Я ведаў, што беларускае выданьне кніжкі слаба разыйдзеца. Але мне надта хацелася, каб кніжка мая зьявілася і ў маёй роднай мове...

Então, eu continuei a escrever. Enviei meu manuscrito em russo para o jornal *Vozrozhdenye*, em Paris. Publicaram. Enviaram dinheiro. Então publiquei minhas memórias em polonês como um livro, às minhas próprias custas. Ganhei dinheiro. O livro esgotou. Encontrei uma editora para a segunda edição. A empresa *G. Nerbini*, de Florença, entrou em contato comigo. Publicou em italiano: *La verita sulla Russia Bolscevica*. Recebi uma proposta do Rio de Janeiro. *Sete annos nas garras sovieticas* foi publicado em português. *Dilo*, da Ucrânia, publicou, e depois ainda lançou como um livro separado, *7 lit na Solovkakh*.

Talvez seja um pouco inconveniente para o autor falar sobre suas conquistas, mas devo fazê-lo como uma introdução a uma novidade lançada pela GPU em relação a mim.

Como eu disse acima, o *Krynica* se recusou a publicar minhas memórias (mesmo sem pagar!). Eu sabia que a edição belarussa do livro venderia mal. Mas eu realmente queria que tivesse meu livro na minha língua nativa...

E assim, no final de 1937, apareceu *U kapciuroch HPU* [*Nas Garras*

І вось, у канцы 1937 г. з'явілася "У кашцюрэх ГПУ".

Я сам займаўся кальпартажам кніжкі. Пасылаў знаёмым праз пошту. Некаторыя прысылалі грошы, іншыя толькі дзякавалі. Раздаў па колькі экзэмпляраў у віленскія кнігарні.

І вось, як я аднойчы зайшоўся ў вадну із гэтых кнігарняў, каб даведацца, як разыходзіцца кніжка, паміж мною і гаспадаром быў гэтакі больш-менш дыялёг:

Гаспадар: – Што гэта вы нарабілі ў Цехацінку?

Я: – Дзе? У Цехацінку, кажаце? Дык гэта было ўжо так даўно... Мусіць, каля 15 гадоў... Ну, бывае... Грахі маладосці... Рамантычная гісторыя...

Гаспадар: – Не. Не 15 гадоў, але зусім нядаўна...

Я: – Нядаўна? Я нікуды не выяжджаў зь Вільні...

Гаспадар: - Кажуць, што нейкія польскія ксяндзы запрасілі вас на "одчыг", вы з'явіліся зусім п'яны й пачалі там нешта плесці аб тым, як вас выслала ў Менск польская дэфэнзыва і г.д.

Я: – Што?.. Хто гэта казаў?

da GPU].

Eu mesmo distribuí meu livro. Enviei para amigos, por correio. Alguns enviaram dinheiro, outros apenas agradeceram. Distribuí várias cópias nas livrarias de Vilnius.

E, uma vez quando entrei em uma dessas livrarias para saber como o livro estava sendo distribuído, aconteceu um diálogo mais ou menos assim entre mim e o proprietário:

Proprietário: – O que o senhor fez em Ciechocinek?

Eu: – Onde? Em Ciechocinek, o senhor diz? Então foi há tanto tempo... Provavelmente, há cerca de 15 anos... Bem, acontece... Pecados da juventude... Uma história romântica...

Proprietário: – Não. Não é de 15 anos atrás, foi recentemente...

Eu: – Recentemente? Eu nem saí de Vilnia...

Proprietário: – Dizem que certos padres poloneses o convidaram para um sarau, o senhor apareceu completamente bêbado e começou a falar sobre como foi enviado a Miensk pela Defensiva da Polônia etc.

Eu: – Como é?... Quem disse isso?

Гаспадар спачатку не хацеў выявіць прозьвішча інфарматара. Але ў рэшце рэштаў сказаў: гэта быў Б., бязглузды чалавечак, бацька паршывенькага віленскага камунісьціка...

Гэты чалавечак усю гэтую гісторыю аб Цехацінку расказаў таксама й кс. В.Г. Каму шчэ – ня ведаю.

Вось якія штукі прыдумвалі! Не ўдалося зрабіць з Аляхновіча агента ГПУ, дык папрабуем зрабіць яго агентам дэфэнзывы! Трэба яго неяк апаганіць, запэцкаць, каб страціў у грамадзянства ўсялякі давер...

Пару дзён пасля я спаткаўся на вуліцы з гэтым Б.

– Што-ж гэта вы выдумалі пра нейкі Цехацінак? – спытаўся я, расказаўшы пачутае ад гаспадара кнігарні апавяданьне.

– Я? Крый Божа! – адпіраўся ён. – Нічога падобнага! Не Цехацінак, а Цеханавічы. Я быў у Цеханавічах. Там начаваў у ваднэй гасподзе. Гаспадар мне кажа, што быў тут зь Вільні нейкі журналісты, выпіў з хурманом літар гарэлкі й расказаў

A princípio, o proprietário não queria revelar o sobrenome do informante. Mas no final, ele disse: foi B., um homenzinho bobo, pai de um comunista asqueroso de Vilnia...

Este homenzinho também contou toda essa história sobre Ciechocinek para o padre V. G. Não sei para quem mais.

Olhe o que eles inventaram! Não conseguimos fazer de Alachnovič um agente da GPU, então vamos tentar torná-lo um agente da Defensiva! É necessário sujá-lo de alguma forma, manchá-lo para que perca toda a confiança na sociedade...

Alguns dias depois, encontrei esse B., na rua.

– O que foi que você inventou de um tal de Ciechocinek? – perguntei, contando a história que ouvi do proprietário da livraria.

– Eu? Deus me livre! – ele negou. – Nada disso! Não foi Ciechocinek, foi em Ciechanavičy. Eu estive em Ciechanavičy. E passei a noite lá em uma pousada. O proprietário me disse que um jornalista de Vilnia havia estado ali, bebeu um litro de vodka com

аб Салоўках... Дык я думаў, што гэта вы.

– Ну, дык памятайце: адбрахаць тое, што набрахалі.

Вось як бальшавіцкая погань атручвала мне жыццё нават у Вільні!

Канчаю. Я чуў, кажуць, што я за шмат добрага напісаў аб Саветах. Што-ж зрабіць! Я пісаў праўду. А што пры ГПУ крыху лягчэй было, як пры НКВД – гэта не мая віна.

У капцюры НКВД я ня трапіў. Пашанцавала. Калі-б трапіў, ужо ня пісаў-бы гэтых радкоў. І, мабыць, ужо ня траплю.

*Вільня 1942 г.*

um cocheiro e ficou contando sobre Solovki... Então pensei que fosse você.

– Bem, então lembre-se de desmentir aquilo que mentiu.

Foi assim que a praga bolchevique envenenou minha vida, mesmo em Vilnia!

Termino aqui. Ouvi dizer que escrevi muitas coisas boas sobre os Sovietes. O que fazer! Eu escrevi a verdade. E o fato de ter sido um pouco mais fácil com a GPU do que com o NKVD não é minha culpa.

Não fui capturado pelo NKVD. Tive sorte. Se tivesse sido capturado, não teria escrito estas linhas. Provavelmente não serei mais.

*Vilnia, 1942*

## Referências

- ALACHNOVIČ, Francišak. **U kapciuroch НПУ: Apoviesć / Układannie A.U.Žynkina, Ju. R. Čudzina; Pradm. A. V. Bialackaha; Paslasť. A. A. Dyšleviča.**- Minsk: Mast. lit., 1994. \_\_\_\_\_, Francišak. **U kapciuroch Н.Р.У.** Vilnia: vydannie aŭtara, 1937.
- ARSIONAŮ, Alaksandr. **Jak pravilna pišać biełaruskaj łacinkaj?** 3 jan. 2016. Disponível em: <<https://nashaniva.com/?c=ar&i=147849>> . Acesso em: 3 de março de 2016.
- MEMORIAL. **Vozes da Resistência.** São Paulo: Memorial da Resistência de São Paulo, 2022. Disponível em: <<http://memorialdaresistencia.org.br/wp-content/uploads/2022/03/MemorialR>

[ecele Vozes da Resistencia.pdf](#)>.

Acesso em: 25 de março de 2022.

OLECHNOWICZ, Franciszek. **Siedem lat w szponach GPU**. Wilno: Nakładem autora, 1935.

OLECHNOWICZ, Franciszek. **Sete Anos nas Garras Soviéticas (Verdade sobre os Soviets)**. Tradução de polonês: Eva Wedber. Rio de Janeiro: Amorim Cia Ltda e Livraria Moura, 1937.

RADA BNR. **Francišak Alachnovič**. Disponível em: <<https://www.radabnr.org/francisak-alachnovic/>>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

SVABODA. **Nazvanyja novyja laŭreaty premii za litaraturu z turmy**. Radio Svaboda. 15 nov 2021. Disponível em:

<<https://www.svaboda.org/a/31560889.html>>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

TARAŠKEVIČ, Branislaŭ. **Bielaruskaja hramatyka dla škoł**. Vilnia: M. Kuchty, 1918.

VIASNA. **List of political prisoners in Belarus**. Human Rights Centre Viasna. Disponível em: <<https://prisoners.spring96.org/en>>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

VOICE OF BELARUS. **O discurso de Ales Bialiátski ao receber o Prêmio Nobel da Paz: “Hoje, Belarus inteira está na prisão”**. Voice of Belarus. 11 dez 2022. Disponível em: <<https://www.voiceofbelarus.org/pt/article/o-discurso-de-ales-bialiatski-ao-receber-o-premio-nobel-da-paz-hoje-belarus-inteira-esta-na-prisao/>>. Acesso em: 10 de julho de 2023.